

O CAJUEIRO CARTA PESSOAL

Pouso Alegre, 18 de abril de 2024.

Ontem de manhã, assim que saí para trabalhar, vi D. Marisa, a senhorinha que foi nossa professora de Matemática. Há tempos não a via. Lembra-se dela? Ela deu-me um abraço apertado, e perguntou de você. Acho, aliás, que ela ficaria mais feliz se encontrasse você, e não eu! O abraço ainda nem tinha terminado, e ela já soprou em meu ouvido uma dúzia de perguntas a teu respeito: “E o Fernando...? Terminou a faculdade? Tá namorando? Mora em Pouso Alegre ainda? Sarou da diabetes? Eu quase morro de tantas saudades...”.

D. Marisa é, ainda, aquele doce! As mãozinhas geladas, a saia de pregas, os cabelinhos curtos e brancos. Já estávamos nos despedindo, quando ela se lembrou da última vez em que estive em casa. O sol já havia amarelado as frutas do pomar, e D. Marisa veio buscar algumas. A mãe gritou: “Fernando!”, e logo você apareceu com uma cesta cheia – caju, limões, laranjas... Os passarinhos sempre foram os primeiros a experimentarem o doce dos caju!

Agora o papo é sério... Fernando, uma ventania levou o cajueiro e a metade do telhado de casa. O vento gritava, parecia agredir o cajueiro, que resistiu o quanto pôde, e então caiu. Já não temos o cajueiro da nossa infância. Temos agora apenas as lindas recordações – ele foi nosso brinquedo preferido, não é mesmo? Tenho uma cicatriz no joelho, de quando caí do cajueiro. Quem me socorreu naquela tarde, Fernando? O pai ou a mãe? Nem lembro mais...

Nossos tios estão bem! A tia Cris vai passar as férias em João Pessoa, e quer que eu lhe faça companhia. Talvez eu vá. O Durval, da oficina, ganhou na loteria. (Ele comprou uma peruca, e pensa que ninguém percebe aquela cabeleira cacheada que brotou de repente!)

Ontem foi a inauguração de um hipermercado perto de casa. O discurso do prefeito demorou um tempão. Daqui de casa dava para ouvir... Depois teve queima de fogos. A Rosa, tadinha, correu para debaixo da minha cama, ficou a madrugada toda quietinha, assustada... até agora não latiu.

A conexão da internet cai à toa.

Então hoje eu trouxe a você uma notícia boa (as saudades de D. Marisa), outra ruim (a queda do nosso cajueiro), e agora termino com outra notícia boa: comprei outro pé de caju, ainda é novo! Seu Bianor, do viveiro de plantas, disse que o cajueiro demora a dar frutas. Mas não tem importância, não é, Fernando? A gente espera! Os passarinhos também!

Mande notícias!

Um beijo,
Maria Alice

(Por Gislaine Buosi)